



SUPLEMENTO CULTURAL Nº 103

Em 1967, começou a circular o jornal da nossa Agremiação, trazendo os primeiros artigos de cultura, a lembrar vultos da Medicina, em culto aos mestres e respeito às tradições. Em 1972, a Associação Paulista de Medicina passou a editar um suplemento, sob o nome "Medicina e História", que vinha encartado ao "Jornal do Médico Paulista", cujo nome fora mantido por mais dois anos. A partir dessa data (1974) o nosso jornal passou a chamar-se "Jornal da Associação Paulista de Medicina", qual hoje, ou seja, "Jornal da APM" e o suplemento, até 1980, chamava-se "Suplemento de História e de Cultura", encartado no jornal.

De 1980 a 1984, em vez de vir anexado ao jornal, veio à revista (Revista da Associação Paulista de Medicina), quando começou a ser numerado. Chegou ao número vinte e três, em 1987. Em julho de 1988, mudou novamente de formato e de periodicidade, retornando como encarte do "Jornal da APM", atingindo o número 102, em outubro de 1995. Eis que agora volta o Suplemento Cultural, novamente encartado no nosso jornal, com o n.º 103, dando continuidade à numeração iniciada há vinte anos (1980), mas com raízes em 1967, início de tudo, Vale dizer: Medicina e História, Suplemento de História e Cultura, Su-

plemento Cultural da Revista da APM, Suplemento Cultural da APM são nomes diferentes que se igualam no princípio de dar ao leitor temas médico-culturais e enredos desenvolvidos em ambientes artísticos e literários

O suplemento cultural, desde o início, viveu das contribuições de colaboradores, os verdadeiros responsáveis pelo seu sucesso, cujos artigos assinados, muitos deles, receberam elogios no Brasil e no exterior. Desde já, para que possamos manter a *linha de rumo*, fica aqui o convite para que os prezados colegas enviem suas colaborações, com os nossos antecipados agradecimentos.

Guido Arturo Palomba
diretor cultural

Leia:

Durval Bellegarde Marcondes
Poeta e Psicanalista

Carlos da Silva Lacaz
Página 3

Um mar de vítimas

Irany Novah Moraes
Página 2

Imprensa médica periódica no Rio de Janeiro: "O Hospital"

Pedro Henrique Miranda Fonseca
Página 2

Hipócrates, o pai da medicina

Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra
Página 4

O cavalo e o porco

Juarez de Oliveira
Página 4

Machado Florence

Clóvis E. Chenaud
Página 4

Opinião

UM MAR DE VÍTIMAS

“Se o professor, o aluno e o médico são vítimas, que dirá o doente”

IRANY NOVAH MORAES

A pretensão nefasta de criar mais faculdades de medicina exige uma análise panorâmica da atual problemática tendo em vista suas conseqüências para a saúde.

É de conhecimento geral que, na década de sessenta, houve uma “explosão” de escolas. Somente em 1968, foram criadas onze faculdades de medicina. O ensino superior em geral e particularmente o da medicina foi e continua sendo conduzido sem planejamento adequado. Escolas foram abertas sem considerar as necessidades básicas como corpo docente qualificado academicamente, com a condição de ficar radicado na mesma cidade; sem ter hospital próprio. Nunca foi considerada a necessidade de aprimoramento profissional para seus alunos quando fossem diplomar. Jamais pensou-se nas condições de oferta de trabalho para tais médicos. Todos docentes, discentes, recém-formados e especificamente o docente foram e são vítimas do sistema. Naturalmente, na época, o Governo resolveu o problema dos chamados “excedentes”, candidatos que não conseguiram vagas nas Universidades.

Em decorrência daquele fato, são diplomados anualmente no país, mais de oito mil médicos. Tais escolas em precária situação de

aparelhamento, continuam não dispendo de corpo docente titulado academicamente e nem de pesquisadores com linhas de investigação nelas trabalhando. Está formando mal o profissional, não tem produção científica e assim, não gera conhecimentos.

Nos hospitais conveniados o aluno é “simples visita” e desaparece pois o professor ensina de certa maneira e o responsável pelo leito procede de outra forma de acordo com sua formação. Isso confunde o jovem.

O médico sai dessas escolas após seis anos de curso e não sabe tratar grande parte das doenças corriqueiras. É tão grave a situação, que o próprio egresso não se sente em condições de exercer a medicina logo após diplomarse sem fazer um treinamento profissional adequado. Como ele não tem segurança, precisa continuar na fase de treinamento e só a Residência Médica poderá prepará-lo de maneira sistemática para as necessidades da profissão. Tal programa é controlado pelo Conselho Nacional de Residência Médica do Ministério da Educação, que estabelece normas nacionais e controla o treinamento oferecido ao médico Residente. Esse Conselho, com tal prerrogativa, conseguiu credenciar apenas quatro mil vagas em todo o país. Dessa maneira, somente menos da meta-

de dos diplomados a cada ano têm possibilidade de treinamento adequado.

Por outro lado, estima-se que o país tenha capacidade anual de absorver o trabalho de cinco mil médicos. Dessa forma mil médicos estão trabalhando comprovadamente sem suficiente qualificação. Os demais, três mil, não encontram oportunidade de trabalho e, despreparados, acabam em subempregos com alta rotatividade. A quase totalidade dos casos de erro médico que tem ocorrido nesses últimos tempos

O ensino de medicina é conduzido sem planejamento adequado

tem sido cometidos pelos médicos provindos dessas escolas fracas e que não conseguiram treinamento em Programa de Residência Médica. Esse fato, repetindo-se anualmente, tem efeito cumulativo agravando a situação.

Ainda é oportuno aproveitar a idéia do Professor Alípio Corrêa Neto que, no tempo da SUDELPA fez um trabalho brilhante. Com o Programa de Residência Médica da Escola de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo organizou um estágio programado para assistir as cidades do Vale do Ribeira. Essa experiência teve êxito. Trata-se do equivalente a um Projeto Rondon contínuo com Médicos Residentes do segundo ao quarto ano, das especialidades básicas. Cada município sem médico recebe uma equipe que se renova a cada

três meses. Para não desestruturar o que se tem, bastaria programar um estágio a mais em todas as Residências oficializadas. As vantagens são enormes, esse Residente teria melhor visão da realidade nacional, alguns ficariam radicados nessas regiões e aumentaria o número de vagas nas Residências.

Essa plêiade de médicos diplomados pelas escolas inadimplentes e que por sua vez não conseguiram fazer Residência, pode ser resgatada se as entidades médicas se dispusessem a arrematar seus membros academicamente qualificados e dessem cursos contínuos de Especialização para formação de Médico Generalista como idealizou e realizou, durante três anos consecutivos, a Livre Docente Dra. Marisa Campos Moraes Amato durante sua gestão como Presidenta Eleita e Presidenta da Academia de Medicina de São Paulo e com a colaboração de 120 (cento e vinte) especialistas qualificados.

Diante do exposto, cada nova escola só virá contribuir para agravar ainda mais a situação da medicina brasileira com efeito perverso para a Saúde de nosso povo. Como não se pode fechar as escolas inadimplentes, que não se agrave ainda mais a situação. Novas Faculdades virão aumentar o mar de vítimas.

Irany Novah Moraes, autor dos livros Formação do Médico, O Especialista e O Clínico Geral, ambos da Editora Roca.

Imprensa médica periódica no Rio de Janeiro: “O Hospital”

PEDRO HENRIQUE M. FONSECA

Em janeiro de 1929, como órgão da Sociedade Médica do Hospital São Francisco de Assis, fundada em 23 de dezembro de 1928, surge a revista desta Sociedade, de periodicidade mensal, realizando-se assim uma antiga aspiração dos médicos que trabalhavam no Hospital São Francisco de Assis.

Apresentando a Revista, o seu redator João Pecegueiro assim se expressa: “Possuindo como associados individualidades de merecido renome e organizada como está, em moldes essencialmente práticos, prestará por certo, a novel Sociedade relevantes serviços objetivados no engrandecimento da Medicina e na divulgação de suas conquistas.

Nesta Revista destinada essencialmente à publicação dos trabalhos apresentados à Sociedade Médica, terão acolhida ainda, acessoriamente, outros, inéditos, da autoria de seus membros, merecendo preferência sobre os doutrinários os que versarem sobre casos concretos.”

Depreende-se daí que ao par da Revista apresentará caráter essencialmente prático, tinha, entretanto, o seu espaço restrito, pois

destinava-se unicamente a trabalhos dos sócios, embora contasse entre estes médicos de reconhecido valor, tais como: Thompson Motta, Salles Guerra, Jorge de Gouvea, Lafayette Rodrigues Pereira, Waldemar Berardinelli, Carlos Chagas e Evandro Chagas.

Grande parte das matérias aparecidas no periódico eram oriundas das reuniões que se realizavam aos sábados no Hospital, quando discutiam-se casos interessantes, pesquisas científicas e questões doutrinárias. Outra fonte de matéria científica era as diversas cátedras da Faculdade de Medicina instaladas no hospital.

Percebendo o caráter restrito da Revista, resolveu a sua direção dar-lhe nova feição, criando novas secções, aumentando o número de páginas, procurando integrar o meio hospitalar do São Francisco de Assis no meio médico geral e, também, trazer para cá os ecos do movimento médico exterior. Mediante todas essas mudanças resolveu-se também mudar o nome do periódico, que a partir de então

(maio de 1931) passa a chamar-se “O Hospital”.

Coube a direção da Revista então a Waldemar Berardinelli, que em outubro de 1931 passa a dividi-la com Jorge Jabour. Em abril de 1932, estes, contam também com Vergueiro da Cruz para dividir as responsabilidades da direção do periódico, sendo que a partir de janeiro de 1933, Jorge Jabour assume sozinho a direção da Revista, permanecendo à sua frente até a data de sua morte em 12 de agosto de 1970, quando foi substituído por Carlos Chagas Filho.

Como “Órgão da Sociedade Médica do Hospital São Francisco de Assis” permaneceu a Revista até julho de 1940 (volume XVIII número I), apresentando a partir do mês seguinte (Volume XVIII número 2) o subtítulo “Revista de Medicina, Cirurgia e Especialidades”.

Colaboraram no periódico em questão importantes nomes da Medicina Brasileira, tais como: Eurico Villela, Evandro Chagas, Carlos Chagas Filho, Rocha Vaz, Salles Guerra, Amadeu Fialho, Fernando São Paulo,

Amílcar Viana Martins, Magarino Torres, Antônio Prudente, César Pernetta, Arlindo de Assis, Annes Dias, Mario Kroeff, João Alves Meira, Domingos de Paola, Rubens Campos, Fernando Paulino, Pedro Nava, José Rodrigues da Silva, Samuel Pessoa, Carlos da Silva Lacaz, Gildo del Negro, Zilton Andrade, Rodolfo Teixeira, Jayme Neves, Ivo Pitanguy, Newton Bethlem, Clementino Fraga Filho, Antar Padilha Gonçalves.

A exemplo de outros importantes periódicos médicos nacionais, hoje “O Hospital” não é mais corrente, sendo o seu último número datado de julho de 1971. Sobreviveu, entretanto, por 42 anos, fato heróico entre nós.

Convém lembrar que com o nome de “O Hospital” existiu também no Rio de Janeiro uma revista médica, fundada em março de 1924, por E. Mattoso Maia e Lopes Rodrigues, com periodicidade semanal em seus primeiros quatro números, assumindo a partir de maio a apresentação mensal. Teve vida efêmera, desaparecendo nesse mesmo ano.

Pedro Henrique Miranda Fonseca é médico e membro da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.

“O Hospital” sobreviveu por 42 anos, fato heróico entre médicos

perfil

Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981) - poeta e psicanalista

CARLOS DA SILVA LACAZ

Durval Bellegarde Marcondes, um dos pioneiros da psicanálise no Brasil foi também um grande poeta. Integrado no momento histórico-cultural de sua época, a revista Kíaxon, mensário de Arte Moderna, publicava em agosto de 1922 um poema de sua autoria, "poema experimental", como ele próprio afirmara em entrevista dada a Raquel Nelken e Luiz Carlos Uchoa Junqueira Filho (IDE, Publicação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, ano 4, nº 6, 1978). "Symphonia em branco e preto" marcou a vida desse nosso saudoso colega, vivendo hoje o grande mistério da eternidade.

Dona Lydia de Portugal Rodrigues Marcondes cedeu ao Museu Histórico da Faculdade de Medicina, as poesias de Durval Marcondes e a grande Escola por onde ele se diplomou orgulha-se em prestar-lhe esta homenagem, cultuando sua memória e apontando-o às novas gerações como uma das inteligências mais privilegiadas já passadas pela "Casa de Arnaldo". Antes de seu falecimento, Durval Marcondes concedeu a Roberto Yutaka Sagawa entrevista das mais interessantes, cuja leitura recomendamos vivamente a todos aqueles que desejam conhecer mais profundamente a vida e a obra do responsável pela introdução da psicanálise em nosso país (Cadernos Freud Lacanianos 2, São Paulo, Cortez Editores, 1982, pág. 99 a 119).

Em homenagem ao renomado mestre da psiquiatria brasileira, publicamos curta biografia de Durval Bellegarde Marcondes, sempre vivo na afeição de seus amigos e admiradores.

A 27 de novembro de 1899 nascia em São Paulo Durval Bellegarde Marcondes, médico diplomado em 1924 pela nossa gloriosa Faculdade de Medicina, e que se tornaria célebre, entre outros motivos, por ter introduzido a psicanálise em nosso meio. Sua morte ocorreu na madrugada de um domingo, precisamente a 27

de setembro de 1981. Correspondendo-se com Sigmund Freud e vencendo as hostilidades do meio, apoiado pelo grande mestre Franco da Rocha, Durval Marcondes bacharelou-se em 1918 pelo Ginásio do Estado. Durante o curso médico dedicou-se à Ginecologia, doutorando-se em Medicina com uma tese sobre "Corioepitelioma" (1925). Mas, a Psiquiatria logo lhe seria revelada e, como numa conversão religiosa, descobre seu destino.

A 2 de setembro de 1936 torna-se livre-docente da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1927 funda a "Sociedade Brasileira de Psicanálise". Em 1931 traduz com o Prof. Barbo-



sa Corrêa "Cinco Lições de Psicanálise", de Sigmund Freud (Cia. Editora Nacional). Em 1926, publica "O Symbolismo Estético na Literatura", com carta-prefácio de Franco da Rocha. Em 1931, no Rio de Janeiro, fez o curso de Anatomia Patológica do sistema nervoso, com o Prof. Walter Spielmeier, sob o patrocínio do Instituto Deuto-Brasileiro de Alta Cultura.

Cria, organiza e dirige a Seção de Higiene Mental Escolar, primeiro serviço instituído em São Paulo, com uma clínica de orientação infantil, modelar para a época, divulgando as normas para o desenvolvimento psíquico das crianças. Forma discípulos, como Joy e Joi Arruda, Virginia Bicudo, Lígia Alcântara e Maria Velez. Poeta de rara sensibilidade, ele também o foi. Envereda-se pela literatura e, em "Sonho de Exame" (junho de 1928) procura abordar, através da psicanálise, um dos personagens mais interessantes do grande romancista brasileiro Aluísio de Azevedo, em sua "Casa de Pensão". Na monogra-

fia publicada em 1926, "O Symbolismo Estético na Literatura", apresenta-nos um estudo psicológico do fenômeno estético, em especial da criação literária e suas relações com as manifestações psicopatológicas.

Trata-se de um ensaio muito bem conduzido, no qual Durval Marcondes procura aplicar a psicanálise à Arte. Partindo de uma recordação infantil de Leonardo da Vinci, narrada por ele próprio num trecho de seus apontamentos científicos, chegou Freud a revelar o papel preponderante que a mãe do grande mestre da Renascença exercera sobre a formação de seu temperamento. Renunciou Leonardo aos amores que o mundo lhe ofe-

recia, encerrando-se dentro de uma fria repulsa aos prazeres sexuais. O complexo de Édipo aparece ligeiramente delineado no romance de Aluísio de Azevedo, "Casa de Pensão". O artista, disse-o mestre Durval Marcondes, indaga sempre sobre nossos clamores inconscientes. O crítico, ao contrário, é um psicólogo consciente e, como tal, é na psicologia científica que deve procurar sua técnica. O grande mestre da psicanálise brasileira fora orador do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, nos idos de 1923, tendo saudoso Júlio Dantas quando este, a 6 de julho de 1923, visitara a Faculdade de Medicina de São Paulo. Recebeu, então, do médico e escritor portu-guês, com amável dedicatória, o livro "Eles e Elas", em 3ª edição.

Em 1936, Durval Marcondes recebeu merecida homenagem da classe médica de São Paulo, tendo sido saudado no Automóvel Clube, por James Ferraz Alvim e Alexandre Marcondes. Referiu-se, certa feita, ter assistido com seu Pai, ainda menino, ao lançamento da pedra fundamental do Instituto Oscar Freire, em 1920. Arnaldo Vieira de Carvalho, aos 16 anos, o havia operado de apendicite, tendo

exercido notável influência para que se tornasse médico. E assim decorreu, plena de sucessos, a vida desse colega ilustre que o Museu Histórico da Faculdade de Medicina homenageou condignamente. Juntamente com Franco da Rocha, Durval Marcondes socorreu-se da teoria psicanalítica para explicar aspectos da psiquiatria clínica que não pudera esclarecer pelos ensinamentos clássicos. Aliás, de posse da significação do inconsciente, a psicanálise não repeliu verdade alguma da psicologia; tão só lhe ampliou o conceito e as generalizações.

Como a anatomia se dilata e pormenoriza-se na histologia, assim a psicologia se alarga e particulariza-se ao alcançar os domínios do inconsciente.

Durval Bellegarde Marcondes serviu à sua classe com o brilho de sua privilegiada cultura e inteligência, deixando-nos acervo dos mais valiosos no campo da psicanálise, da qual foi mestre e cultor apaixonado. Sua obra poética passa agora, a ser conhecida no meio intelectual brasileiro.

Carlos da Silva Lacaz é diretor do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da USP.

Symphonia em branco e preto

A minha vida era um quadro negro.

Negro e triste. Sem mais nada.

Um dia ella chegou, pegou o giz e escreveu o seu nome no quadro negro.

Eu achei lindo o nome della, assim tão branco sobre o preto.

Mas depois elle me fez mal: doíam na minha vista aquelas letras, branca demais, brilhando daquele modo no quadro negro.

Tive medo de ficar cego.

Peguei a esponja e apaguei o nome della do quadro negro.

Mas, continuando a olhar eu via o nome della alvejando ainda no quadro negro.

Quadro negro + letras brancas + quadro negro + letras brancas + tontura + 50 x letras brancas.

Tive vontade de insultá-lo.

Mas não tive coragem.

Já que era assim, peguei o giz e, descabellado, rabisquei, eu mesmo, com letras bem grandes, o nome della no quadro negro.

E o nome della, que apparecia então enorme, enchia todo o quadro negro.

E deixei.

Hoje eu me lembrei de vê-lo.

Espreguicei-me. Bocejei. Fui vê-lo.

Apagara-se: não o vi mais no quadro negro.

A minha vida é um quadro negro.

Negro e triste. Sem mais nada.

Durval Marcondes

HIPÓCRATES, O PAI DA MEDICINA

Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra

*Faz tempo, existiu Hipócrates, generoso,
dos Médicos da antigüidade, o mais famoso.
Nascido na Ilha de Cos, célebre tornada,
falecido em Larissa, Tessália, adotada;
entre o século quarto e o século terceiro,
anteriormente a Cristo, vindo bem fagueiro,
anos quatrocentos e sessenta surgido,
trezentos e setenta, desaparecido.*

*Do "Século de Péricles" contemporâneo;
de Demócrito, filósofo, conterrâneo;
pelo Rei Artaxerxes Segundo chamado
para epidemia debelar, alarmado,
que entre os Persas graçava, muito dizimando;
tal a fama que de si vinha se formando.
Pai da Medicina, ficou considerado,
no decorrer do tempo, e sempre respeitado.*

*Sistema médico baseado nos humores,
por certo, influenciados por muitos fatores,
eis. para ele, da Medicina o fundamento,
dentro, sem dúvida, do próprio entendimento.
Legou-nos uma grande messe de conceitos,
expressados através de curtos preceitos,*

*que compõem seus Aforismos, tão bem formados,
transmitidos à posteridade, acatados.*

*Do primeiro dos Aforismos, qual lei sacra:
em Grego: "Ho Bios Brakhus, He de Tekné Macra",
que, porém se tornou mais conhecido assim:
"Ars Longa, Vita Brevis Est", em bom Latim.
Passou-nos, também, o "Juramento Hipocrático",
monumental quão verdadeiro código ético,
pelo Médico prestado na formatura,
desde há tempos, tornado indispensável jura.*

*Um "plátano" ainda subsiste na Ilha de Cos,
embora dois e meio séculos após,
por meio de muitas forquilhas escorado,
sob cuja frondosa copa o Mestre amado,
sereno, com seus discípulos dialogava,
a todos os quais ensinava e encorajava.
Eis, da antigüidade, o Médico venerado,
Pai da Medicina, ainda assim cognominado..*

Nota do autor: As frases em grego e em latim referem-se à Medicina, significando que ela é "uma Arte longa, para uma vida tão breve".

Machado Florence

Clóvis E. Chenaud

D'Artagnan de casaca, sempre o anima
a justa causa por menor que o seja,
e onde impere a ambição ou o erro oprima,
ei-lo arrostando os fados da peleja!

Mas cessada a refrega, logo enseja,
inda ofegante pelo ardor da esgrima,
os vãos da poesia e então adeja
buscando o néctar nos vergeis da Rima...

Espírito versátil em destaque,
recorda o Cyrano de Bergerac
sem ter o narigão por complemento...

E o nosso orgulho é vê-lo sempre assim:
florete em punho, como espadachim
da ironia, da verve e do talento!

O Cavalo e o Porco

Juarez de Oliveira

Ao porco o cavalo disse,
cabeça alta, impoluto,
– eu vejo em você o fruto
Da mais extrema burrice.

– O que dizes não faz sentido,
disse o porco retrucando,
com o burro que estou olhando
te vejo mais parecido.

Temendo o porco mais troça
e o cavalo seu mau cheiro,
foi o porco pro chiqueiro
e o cavalo pra carroça.

Vantagem ninguém contou,
comentário não se fez,
pagou pela estupidez
o burro que a tudo olhou.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:
Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:
Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:
Dúilio Crispim Farina (presidente)
Carlos Alberto Savatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marques Teixeira

Cinemateca:
Wimer Botura Júnior
Pinacoteca:
Aldir Mendes de Souza